



Metassínteses Qualitativas e Revisões Integrativas

Psicanálise, Sexualidade e Gênero: a abertura à relativização cultural e o diálogo com a etnopsicanálise

Psychoanalysis, Sexuality and Gender: openness to cultural relativism and dialogue with ethnopsychanalysis

João Eduardo Torrecillas Sartori¹
Alexandre Mantovani²

¹ Faculdade de Medicina de São João do Rio Preto

² Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Resumo: Nos estudos sobre gênero, a psicanálise recebeu diversas críticas, sobretudo em relação aos escritos iniciais de Freud sobre a teoria sexual. Em sua maioria, tais críticas sustentam que, na teorização freudiana, haveria uma leitura essencialista e determinista em relação à sexualidade e ao gênero, baseada, sobretudo, na fantasia de castração. Ainda, nesse sentido, estabelecem que autores consagrados da psicanálise teriam impresso leituras reducionistas e superficiais acerca dos fenômenos que escapam ao esquema cis-heteronormativo vigente, como a homossexualidade e a transexualidade. Por conta disso, as teses psicanalíticas originais não se configurariam como referências passíveis de serem aplicadas ao estudo contemporâneo em sexualidade e gênero. Nesse artigo, é feita uma discussão acerca da questão dos estudos de gênero em psicanálise e se propõe uma releitura dos Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade de Freud com o intuito de se mostrar um uso potencialmente útil das ideias contidas nessa obra, sem se incorrer em reducionismos e em ideias psicopatologizantes no que se refere às questões de gênero. Recorre-se ao estudo do chamado Caso Dora para mostrar como Freud não reduz a sexualidade a aspectos psicopatológicos, uma vez que enfatiza a interpretação do comportamento, das ações e dos sentimentos humanos enquanto portadores de sentidos simbolicamente manifestados. Evidencia-se o modo como o estudo acerca da sexualidade possibilita uma inserção da psicanálise no campo dos estudos de gênero e sociais em geral. Este olhar sustenta que o estudo sobre a sexualidade humana seja fundamental para o estudo psicanalítico da cultura, especificamente, pela etnopsicanálise.

Palavras-chave: gênero; psicanálise; sexologia; ciências sociais; etnopsicologia

Abstract: In studies on gender, psychoanalysis received several critics, especially concerning the early writings of Freud's sexual theory. Mostly, these critics argue that in the freudian theory there would be an essentialist and determinist reading on sexuality and gender, based mainly in the fantasy of castration. Still, in this perspective, they establish that renowned authors on psychoanalysis would have printed reductionist and superficial readings about phenomena that are beyond the current cis-hetero-normative schema, such as homosexuality and transsexuality. Because of this, the original psychoanalytic theories would not shape as references that could be applied to the contemporary studies of sexuality and gender. This paper aims to discuss psychoanalysis on gender studies and proposes a return to Freud's Three Essays on Human Sexuality in order to show a potentially useful application of the ideas contained in this work without incurring reductionism and psychopathological concepts on gender issues. Refers to the clinical study of "Dora" to show how Freud does not reduce sexuality to psychopathology since emphasizes the interpretation of behavior, actions and human feelings as carriers of meanings symbolically manifested. It shows how the study of sexuality enables insertion of psychoanalysis into the field of studies on gender and on social studies in general. This approach sustains that study of human sexuality is fundamental to psychoanalytic study of culture, specifically, by ethnopsychanalysis.

Key-words: gender; psychoanalysis; sexology; social sciences; ethnopsychology

1. Gênero e Psicanálise

O termo gênero, implicando categorização, tem sido utilizado nos mais diversos âmbitos e nas mais diversas áreas do saber. Em sua origem latina, o substantivo *genus* possuía, como significado, "linhagem, descendência, estirpe, raça"¹. Data da Antiguidade Clássica a primeira teorização de que se tem registro acerca de gêneros literários, inicialmente proposta por Platão, no livro III de *A República*, em que apresenta três divisões dentro da poesia: uma completamente mimética, como a tragédia e a comédia, uma considerada não mimética, como a lírica, e, ainda, uma que mesclava elementos das duas anteriores, a épica. Após, Aristóteles, em sua *Poética*, na tentativa de uma sistematização das muitas produções literárias, trataria da epopeia, da tragédia, da comédia e do ditirambo².

Do mesmo modo, na Modernidade, o conceito de gênero foi formalmente introduzido à biologia por Lineu em sua sistemática, passando a constituir uma importante unidade taxonômica. Assim, passaria a indicar um grupo de espécies que partilham significativo conjunto de similaridades, morfo-funcionais, genômicas e filogenéticas, refletidas pela existência de ancestrais comuns próximos³.

No entanto, a apropriação do termo "gender" de modo a se estabelecer um campo de estudos próprio, respaldando cientificamente teorias esparsas que poderiam servir à desnaturalização da desigualdade entre homens e mulheres, é creditada a John Money, psicólogo e sexólogo norte-americano⁴. Nesse contexto, em meados de 1950, Money teria sido o primeiro teórico a utilizar o termo gênero no sentido de relacioná-lo às diferenças entre o sexo anatômico e aquilo que ele considerava uma espécie de sexo psicológico⁴.

Ainda que outros autores, como Mary Wollstonecraft em seu livro "*A Vindication of the Rights of Woman*", já evidenciassem, em pleno século XVIII, o fato de "as diferenças intelectuais e de papel social entre homens e mulheres resultarem da educação diferenciada dispensada a cada uma dessas classes, contrariando as teorias de sua época de que tal desigualdade era resultado de fatores biológicos ou mesmo de desígnios de Deus", teria sido Money o primeiro a conceituar o gênero⁴. Assim, o autor teria formalizado o "anseio histórico que se intensificava em sua época com o crescimento de estudos e movimentos cujas temáticas principais relacionavam-se à identidade sexual, seja de um ponto-de-vista mais psicológico ou mais político"⁴.

Como se verifica na leitura de "*Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*" de 1905⁵, Freud, tendo falecido anteriormente à conceituação de Money, nunca empregou o termo gênero e, nesse sentido, Laplanche assinalaria que a língua alemã de seu tempo não permitiria mesmo que o fizesse, dado que a palavra *Geschlecht* significava, simultânea e indistintamente, "sexo" e "gênero"⁶.

Por outro lado, apesar de a teoria freudiana não distinguir tais termos, segundo Laplanche, Freud teria usado, em raras passagens de sua obra, o termo *Geschlecht*, referindo-se à instância de gênero. E, exemplificando-se o dito, cita-se a conjecturação freudiana, presente em seu ensaio "*Sobre as teorias sexuais das crianças*" (1908), segundo a qual um ser racional extraterrestre que chegasse ao planeta Terra, imediatamente constataria a existência de dois "sexos" distintos. Neste caso, o termo da língua alemã seria mais adequadamente traduzido como gênero, dado que tal constatação não levaria em conta a existência de uma diferença anatômica, mas de aspectos outros, como os comportamentais e de vestimentas⁶.

Foi somente com Robert Stoller, em 1998, que o termo gênero seria introduzido formalmente na psicanálise, com o intuito de se compreender mais adequadamente os aspectos psicodinâmicos concernentes à transexualidade⁴. No entanto, tal introdução não teria ocorrido de maneira consensual, ainda hoje gerando discordâncias quanto à sua aceitação no campo psicanalítico.

A revisão da literatura psicanalítica concernente à noção de gênero revela enorme heterogeneidade em suas concepções e nas articulações metapsicológicas dessa instância. Apesar de tal heterogeneidade, que torna difícil mesmo a comparação das teorias psicanalíticas, todas estas recorrem, em algum nível, mesmo que implicitamente, a certo nível de essencialização de seus conhecimentos, ou seja, à consideração de que certos pressupostos, conceitos e hipóteses seriam a-históricos – e, portanto, imutáveis – acabando por reforçar e por perpetuar noções que poderiam ser abandonadas⁴.

Como se evidenciara anteriormente, apesar de não se utilizar do termo gênero, autores como Freud exibem, em sua teoria, uma instância psíquica da sexualidade que poderia corresponder àquele. Autores como Lacan, teriam feito o mesmo. Guardadas suas peculiaridades, os dois autores citados, ao recorrerem à primazia do falo, apoiando-se na dimensão biológica como determinante da importância e da posição privilegiada do sexo masculino, naturalizam uma feminilidade desvalorizada, representada pela ausência do falo – como se consistisse em uma masculinidade frustrada⁴.

Nesse contexto, explicitam uma feminilidade inevitavelmente associada à castração, à passividade e ao masoquismo – sendo que, em sua teorização, estes termos seriam considerados como aspectos desvalorizados, por serem resultado da resignação frente à percepção de sua incapacidade, associando-se a uma espécie de ressentimento⁴. Nesta perspectiva, em que a mulher é considerada, em essência, aquela que não possui o que é tido como importante [o falo], esta buscaria uma compensação pela sua castração, sendo que o filho viria como um substituto do falo⁴.

Desnaturalizando tal lógica fálica, Jacques André recorreria à primazia da alteridade, estipulando o caráter orifical da vagina, o que permitiria a concepção da vagina não mais como sendo, simbolicamente, ausência de falo e resultado de castração. Além disso, estipularia, no masoquismo e na passividade, aquilo que se denominaria regime do desejo, concebendo aqueles como estando relacionados a uma vontade de potência, qualitativamente distintos de um masoquismo e de uma passividade resultantes da falta e da inferioridade constitucional⁴.

Como se nota, tal teorização abarcaria uma primeira tentativa de desnaturalização do gênero em psicanálise. Por outro lado, apesar de sua tentativa de positivação da feminilidade, ressignificando as características que lhes eram atribuídas, André terminaria por essencializar, assim, o gênero feminino, por estabelecer a necessidade entre este, a passividade e o masoquismo⁴.

Levando em consideração a crítica de Judith Butler, contida em sua obra “Gender Trouble” (1990), Lattanzio⁴, em uma perspectiva anti-essencialista, demonstrou a naturalização/essencialização a que recorreram tais autores, revelando o até então oculto aspecto histórico dos conceitos de que fizeram uso. Neste sentido, não somente consideraria a concepção de gênero como um construto conceitual, mas assinalaria que certos modos de teorização terminam por estancar a compreensão da realidade, não permitindo que se dê margem ao devir, à mudança. Isso se aplicaria às teorias psicanalíticas que, negando seu caráter histórico, impediriam uma mais adequada apreciação de certos fenômenos, como aqueles próprios da sexualidade e do gênero.

2. Freud e a Sexualidade

Como se apresentou anteriormente por meio da leitura de Lattanzio – e pelas referências do debate trazidas por esse autor –, em função do momento histórico e do contexto sociocultural em que Freud teorizou o seu mais conhecido estudo acerca da sexualidade, “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, o autor não concebeu o gênero como instância independente do sexo biológico, visto que aquele nem mesmo havia sido cunhado. Em lugar disso, parece ter apenas distinguido uma dimensão física e uma dimensão psíquica da sexualidade – ambas sendo dicotomizadas em masculino e feminino.

Neste estudo, fazendo uso da terminologia médica da época, denomina como invertidos aqueles que apresentam, como objeto sexual, ainda que ocasional, um indivíduo cujo sexo seja igual ao seu. Deste modo, Freud⁵ (pp. 130-131) diz: “(...) há homens cujo objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para quem não o homem, e sim a mulher, representa o objeto sexual. Diz-se dessas pessoas que são “de sexo contrário”, ou melhor, “invertidas”, e chama-se o fato de inversão.”.

O fato de se utilizar do termo inversão para fazer alusão a diversos fenômenos que não se enquadram na cis-heterossexualidade, bem como de classificar a inversão como um desvio do objeto sexual, naturaliza a cis-heterossexualidade, considerando-a como a ordem. Ainda que Freud tenha reconhecido a diversidade do fenômeno a que denominou inversão, tendo explicitado inclusive que seria “impossível desconhecer que todos os graus intermediários são abundantemente encontrados”, sua teorização se mostra insuficiente para a explicação de certas questões como, por exemplo, a de que os indivíduos denominados transexuais, por se

sentirem como não pertencendo ao seu sexo anatômico, não poderiam ser considerados homossexuais caso tenham como objeto sexual um indivíduo de seu próprio sexo biológico. Assim, tal teorização não daria conta de distinguir, legitimamente, a trans-sexualidade da homossexualidade, tratando-os como uma mesma classe de fenômenos – a inversão.

No entanto, a despeito de tal engessamento teórico, criticado em diversos trabalhos, é precisamente neste ensaio que Freud⁵ faz um comentário que permitirá conceber a sexualidade e a própria noção de normalidade/doença como construtos conceituais, histórica e socioculturalmente concebidos:

“(...) a indefinição dos limites do que se deve chamar de vida sexual normal nas diferentes raças e épocas deveria arrefecer tal ardor fanático. Tampouco nos devemos esquecer de que a perversão que nos é mais repelente, o amor sensual de um homem por outro, não só era tolerada num povo culturalmente tão superior a nós quanto os gregos, como também lhe eram atribuídas entre eles importantes funções sociais. Na vida sexual de cada um de nós, ora aqui, ora ali, todos transgredimos um pouquinho os estreitos limites do que se considera normal. As perversões não são bestialidades nem degenerações no sentido patético dessas palavras. São o desenvolvimento de germes contidos, em sua totalidade, na disposição sexual indiferenciada da criança, e cuja supressão ou redirecionamento para objetivos assexuais mais elevados - sua “sublimação” - destina-se a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais.”⁵ (1972, pp. 55-56).

Não deixa de ser curiosa a constatação de que o caráter essencialista com que desenvolve sua teoria – naturalizando uma ordem cis-heteronormativa em que o termo masculino é hierarquicamente superior ao feminino – contrasta com o relativismo cultural a que ele próprio se permitira na ideia de que a homossexualidade, designada como inversão, não necessariamente foi concebida como doença ao longo da história da humanidade, a depender do contexto sociocultural em que se apresentou.

Ainda nesta obra, em continuidade com o relativismo cultural a que se propusera anteriormente em sua reflexão, Freud⁵ faria um comentário que permitiria a conclusão de que, no processo de subjetivação, o desejo sexual independeria do sexo biológico, ao propor que, no início da vida, a pulsão sexual seja independente de seu objeto:

“(...) imaginávamos como demasiadamente íntima a ligação entre a pulsão sexual e o objeto sexual. A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corramos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste.”⁵ (1972, pp. 138-139)”

Esta constatação permitiria a existência da noção segundo a qual a orientação sexual, aspecto da sexualidade relacionado com o desejo, tal como o ocorrido com o conceito de gênero: (1) seria um construto conceitual – somente existindo nos contextos socioculturais que a concebiam e sendo, nestes, configurada de acordo com os próprios valores culturais –; e (2) seria internalizada ao longo do desenvolvimento subjetivo em um complexo processo que abarcaria identificações – passivas e ativas – e outros processos.

Nesse contexto, ao propor que a vida sexual se inicia na infância, Freud teria permitido a compreensão de um aspecto da sexualidade que possibilitaria romper com certas noções essencialistas e deterministas a respeito da orientação sexual. Ainda, a noção de polimorfismo proposta pelo autor possibilitaria, justamente, pensar em um estado do desenvolvimento em que a sexualidade não estaria condicionada a determinações prévias. O sujeito elegeria, inconscientemente, seus objetos sexuais estando desprovido de uma pré-determinação a partir de aspectos sexuais anatomicamente definidos. Pelo contrário, o corpo próprio da criança configurar-se-ia como seu objeto de prazer, inicialmente pela oralidade, após pela analidade e por pulsões anal-sádicas⁶.

Levando-se em conta esse aspecto, rompe-se com a noção de uma sexualidade estando relacionada a *priori* com dados biológicos previamente determinados. Sendo o sujeito um

polimorfo, poderá ter os destinos de sua pulsão erótica variando de acordo com sua busca, ainda que isso ocorra involuntariamente e inconscientemente.

A orientação sexual irá se definir a partir da eleição inconsciente de certa(s) categoria(s) de objeto como sendo o(s) alvo(s) da busca sexual, sedimentando-se em etapas posteriores do desenvolvimento, mais precisamente, na puberdade, mas tomando, como base, a experiência prévia do sujeito, a sua história singular que iniciaria já em seu nascimento. A noção de polimorfismo auxiliaria a se pensar a atitude relativista contida em Freud, pois permite, justamente, a não redução da sexualidade às práticas sexuais relacionadas ao ato sexual nem a sua determinação por fatores biológicos, mas sim a sua concepção como um conjunto de aspectos psicológicos condicionados pela cultura.

Por outro lado, pode-se dizer que, a despeito de não haver, na teoria freudiana, a diferenciação formal do conceito de gênero – tendo o autor apenas se utilizado de uma noção rudimentar de gênero aludida como “caracteres sexuais mentais” –, Freud teria feito uso, ao menos em partes, de uma perspectiva anti-essencialista quanto às categorias de gênero. Isso porque, apesar de ter se utilizado da categorização dicotomizada – em masculino e feminino –, teria desconstruído tais categorias ao apontar para o fato de que a “masculinidade” e a “feminilidade”, independentemente de como sejam concebidas, não serão dados concretos a partir dos quais partiria o indivíduo em seu desenvolvimento, mas algo como ideais a serem buscados – sendo alcançados, sempre de maneira peculiar, em complicados processos identificatórios. E estes, por sua vez, poderiam ser pensados como sendo condicionados pelas culturas que os concebem, o que se implica em sua obra.

É certo que, ao cobrar atenção para o caráter incerto da masculinidade e da feminilidade, Freud se faz revolucionário, visto que recusa qualquer amarra na realidade anatômica: a significação dessas noções nada teria de natural; estas seriam resultantes de processos bem mais complexos que as determinações instintuais⁶.

Em uma tentativa de síntese, poder-se-á dizer que a teoria freudiana acerca da sexualidade agrega tanto uma perspectiva anti-essencialista – demonstrada, por exemplo, na noção de polimorfismo e na ideia da cultura como sendo configuradora da subjetivação e do juízo que se faz dos fenômenos sexuais –, como uma perspectiva essencialista – evidenciada, por exemplo, no apego à lógica fálica, naturalizando um estado de coisas que poderia ser modificado.

2. Repensando a psicanálise e a questão de Gênero: a etnopsicanálise como possível campo de estudos

É certo que a psicanálise possui o potencial tanto de naturalizar a ordem vigente – por meio de uma essencialização que reafirme um estado de coisas, atribuindo-lhe um caráter transcendental e imutável e impossibilitando a disciplina de acompanhar adequadamente as transformações das subjetividades de seu tempo – como de desnaturalizá-la.

A psicanálise, enquanto prática clínica, propõe-se a uma emancipação do ser humano pela expansão de seu conhecimento acerca do próprio inconsciente. Nesse sentido, o estabelecimento de uma relação de não-necessidade apriorística entre a pulsão e o seu objeto – por meio do qual aquela venha a se satisfazer – faz com que este seja concebido como variável, podendo ser entendido como condicionado pelo seu período histórico e pelo seu contexto sociocultural. O mesmo se faz válido para o estabelecimento da noção de gênero enquanto construto, que possibilita pensar em suas categorias como não sendo pré-determinadas e naturais, mas como elementos culturais cuja assunção subjetiva advirá de complexos processos identificatórios. Assim, sua própria existência não seria necessária *a priori*, somente existindo nos sistemas socioculturais que a concebiam.

Como se sabe, a escuta propiciada na clínica psicanalítica permite que se aborde o sujeito sem a necessidade de se estancar uma essência masculina ou feminina, apenas destacando, justamente, seus direcionamentos pulsionais. Assim, permite-se que o analista se abstenha do julgamento que resultaria em categorizações redutoras.

Mais especificamente, a etnopsicanálise, sendo o campo interdisciplinar em que os conceitos e a escuta psicanalítica se atentam aos fenômenos culturais, consiste em um possível campo para o estudo de gênero, uma vez que esse conceito é essencial para o estudo da cultura. Nesse

contexto, vários autores^{7,8} desenvolveram estudos que articulam etnopsicanálise e gênero, inclusive fazendo uso de uma escuta analítica na pesquisa etnográfica⁷.

No entanto, antes mesmo dos textos freudianos que se dispõem a pensar os temas sociais, como "Totem e Tabu" (1913)⁹, temos, no "Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade" (1905), uma porta de entrada para o que depois se configuraria como a etnopsicanálise. O estudo da sexualidade em Freud implica pensar em questões de gênero, não somente em questões sexológicas. E o estudo do gênero perpassa, inevitavelmente, o estudo da cultura. Portanto, a psicanálise, desde os seus primórdios, abre portas para o estudo cultural.

Pode-se enfatizar a trajetória de Freud que, elegendo a sexualidade – nesse caso incluindo-se certos aspectos das questões de gênero – como seu ponto de partida fundamental, acaba por ancorar a psicanálise em um campo teórico interdisciplinar e, potencialmente, intercultural, porque, de um modo ou de outro, a instância gênero permeia, senão todos, significativa amostra dos sistemas socioculturais ao longo da história. Nesse sentido, estudar gênero é, no fim das contas, estudar a cultura e a sociedade.

É habitual, a ideia segundo a qual a psicanálise se restringe à terapêutica ou à clínica psicológica. No entanto, além disso, é também uma teorização acerca da relação do sujeito com o seu meio social, motivo pelo qual as transformações sociais interessam à psicanálise⁷. Nesse sentido, a responsabilidade do analista se situa tanto no âmbito da clínica quanto no âmbito social, uma vez que nenhum sintoma se forma sem essa implicação, à condição que diga respeito ao real¹⁰.

Desde o seu início – e, como pretendemos evidenciar, já no "Três ensaios" de 1905 –, a psicanálise dialoga com teorias e conceitos próprios às ciências sociais, sendo, portanto, o estudo da cultura não restringível àquela disciplina. Nesse sentido, possuindo, o conceito de gênero, aspectos tanto psíquicos quanto sociais, poder-se-ia alocá-lo como conceito de grande importância na etnopsicanálise, por possibilitar a investigação do sujeito diretamente e intrinsecamente relacionada com o estudo social.

Enquanto prática interpretativa – de escuta –, a psicanálise produz conhecimento na medida em que revela o sentido amplo da fala de pessoas empíricas, bem como da interpretação acerca de ações sociais¹¹. A atitude freudiana de considerar o sujeito humano como um polimorfo em seus estágios iniciais do desenvolvimento da sexualidade produz, no fim das contas, uma abertura para que se pense a sexualidade humana a partir do que Freud chamou de fatores acidentais. Tais fatores estariam relacionados ao desenvolvimento psíquico do sujeito, incluindo os aspectos individuais bem como os de seus laços sociais e de suas vivências.

Isso pode ser ilustrado pelo estudo freudiano conhecido como Caso Dora, contido em "Fragmento da análise de um caso de histeria"¹², publicado originalmente em 1901. Nesse estudo, que enfatiza aspectos da realidade psíquica individual, tem-se uma ampla exposição sobre o enredo familiar e contextual de uma paciente. O desenvolvimento da sexualidade da jovem analisada por Freud é marcado por uma trama de situações sociais em que diversas figuras das relações empíricas da paciente – pai, mãe, Sr. K, Sra. K – compõem um quadro, do universo particular da mesma, que ilustra como o meio social participa diretamente da constituição do sujeito. Não se deve entender, com isso, que todo o relato da paciente (ou de pacientes) seja uma reprodução fidedigna e exata de suas relações sociais; porém, o Caso Dora ilustra a formação social que constitui a trama psíquica individual. Resumidamente, a sexualidade da jovem deve ser compreendida como sendo decorrente de suas experiências relacionais, entendendo-se, por isso, suas relações sociais. Dora vivia um conflito com suas figuras parentais, identificando-se com práticas amorosas clandestinas – a relação do pai com a Sra. K, uma amiga de família – e tinha na figura de sua mãe uma pessoa desvalorizada.

Estes aspectos da dinâmica de identificações do sujeito, que se desvela e também se remonta ao longo da análise, mostra como as questões de gênero e a identidade sexual se atrelam ao meio social do sujeito. Dora vivia, no fim das contas, um amor idealizado pela Sra. K, que acabava por ser uma figura de forte inspiração. No drama "edípico" da jovem, essa figura era a mulher forte que conquistou seu pai. Uma análise e leitura poderia classificar a interpretação freudiana como alusiva a um aspecto homossexual da jovem. É uma interpretação que o próprio Freud faz, no sentido de mostrar o direcionamento da vida amorosa e pulsional de Dora. Contudo, tal interpretação não é reducionista nem possui a pretensão de classificar Dora como homossexual. O psicanalista interpreta a relação amorosa em sentido amplo, a partir de sua

dinâmica e da eleição de objetos, mas não com a pretensão de definir e de categorizar a identidade sexual.

O que se busca, no fim das contas, é o sentido dos atos do sujeito. No caso de Dora, o que Freud buscava era a compreensão para o sintoma histérico que se atrelava ao desejo proibido da jovem, inibido por mecanismos de defesa que dissociavam a excitação sexual de seu objeto, em termos de possibilitar a criação de uma representação por parte da jovem de seu desejo amoroso. Considerando-se essa atitude freudiana de não estancar a identidade sexual, mas de interpretar os atos do sujeito e o sentido desses atos – incluindo-se os sintomas – pode-se levar em conta a psicanálise como sendo uma prática interpretativa que não visa uma redução do sujeito a certas categorias identificatórias da orientação sexual – tais como hetero, bi ou homossexual ou da identidade de gênero – cis ou transexual. Não se produz um saber sobre a essência do sujeito; ao contrário, possibilita-se olhar diretamente para o sentido sexual de determinados atos com uma liberdade de não tomar uma atitude classificatória prévia. Se não fosse assim, Freud classificaria Dora como uma invertida, mas não é esse o sentido que a análise do caso traz.

Em relação à etnopsicanálise, os estudos sobre a sexualidade humana colaboram justamente para essa atitude psicanalítica de não restrição dos atos humanos a categorias identificatórias prévias que estanquem uma essência no sujeito. Tal como é discutido em um estudo¹³, caso a psicanálise seja utilizada meramente como uma ferramenta de tradução psíquica de fenômenos, ela não cumprirá esse papel de colaborar com a interpretação simbólica dos atos humanos. Uma das contribuições fundamentais do “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, decorrente da não redução biológica da sexualidade, foi direcionar a interpretação psicanalítica para o sentido simbólico dos atos e da fala do sujeito. A sexualidade manifestada no sintoma, tal como na histeria, se apresenta como em uma linguagem cifrada que o analista se dispõe a ouvir, destacando seu sentido da ação consciente. Voltando ao caso Dora, a repulsa da paciente diante do Sr. K é interpretado por Freud como uma impossibilidade de Dora reconhecer a excitação sexual. Assim, o ato da paciente não é interpretado pelo seu sentido aparente e imediato, que seria meramente a repulsa e a condenação moral do ato do Sr. K. Ela não reconhecia – conscientemente – o desejo sexual contido nesse ato.

A interpretação de Freud constitui-se como uma ponte que (des)vincula o sentido da ação ao relato consciente do indivíduo. Nisso, reside a interpretação simbólica em que a articulação de sentidos é compreendida naquilo que se apresenta como algo excedente ou excluído da fala. O gesto concreto não encerra o significado do mesmo. Do ponto de vista da sexualidade humana, poder-se-ia dizer que o ato sexual em si não diz quem é o sujeito, ou seja, sua orientação sexual. A sexualidade estaria estruturada no campo simbólico, no universo da linguagem e das construções de sentido, e não dos determinantes biológicos do sujeito humano que seria relativo à anatomia e/ou aos aspectos constitutivos hereditários. Obviamente que a prática sexual está relacionada com as questões da identidade sexual, mas há um entrelaçamento simbólico implicado na estruturação da sexualidade em termos subjetivos.

2.1 O estudo cultural como campo

Em consequência dessa não vinculação da sexualidade a aspectos meramente constitutivos e pela ênfase no aspecto subjetivo da mesma, a psicanálise se fundamenta como uma prática interpretativa dos atos humanos. O conhecimento desenvolvido por Freud e por seus seguidores acabam por oferecer mais recursos para se interpretar o sentido que o sujeito atribui a seus atos – nisso, incluindo-se os atos sexuais –, e menos para explicar a causa e os determinantes desses atos.

Para a pesquisa cultural, isso se torna importante, uma vez que se permite reconhecer o sujeito por meio de suas relações simbólicas (sociais) e menos por determinantes naturais. No que diz respeito ao estudo de gênero, isso se faz de fundamental importância para dar conta da diversidade intrínseca à formação dos gêneros nos seres humanos. Independente de qual gênero o sujeito assuma para si, para o psicanalista, o que importará é a posição e a condição do sujeito que se assume como pertencente a uma categoria específica de gênero. Se identificar como homem, mulher ou outro – podendo vir a ser, com isso, cis-sexual, transexual ou outro –, é, em última análise, uma posição subjetiva. Além disso, pela própria constituição do sujeito, estará atrelado a aspectos sociais e de seu contexto cultural.

Deve-se essa interpretação psicanalítica às contribuições de Lacan¹⁴ que bem explicou e fundamentou sua leitura freudiana no esclarecimento de que o sujeito de que se trata em

psicanálise é um sujeito intrinsecamente constituído por relações sociais. Ao situar a psicanálise como uma prática de linguagem, Lacan prioriza a questão subjetiva e enfatiza ser o campo da cultura, das relações simbólicas, o reduto originário do sujeito.

No que diz respeito às questões de sexualidade e de gênero, as contribuições lacanianas nos apontam para essa direção da ênfase nos aspectos constitutivos da subjetividade distantes dos determinantes naturais. Isso fica evidenciado por um conceito fundamental, "O nome do pai", que remete diretamente à questão fundamental da sexualidade em Freud, a castração.

Em sua leitura, a castração é uma fantasia estruturante do sujeito que tem, na figura do pai, o detentor do falo, que ameaça a criança, seja menino ou menina, de romper com sua relação amorosa. Isso se daria pela presença do pai como um terceiro que intervém junto à relação com a mãe. A mãe, sendo objeto de desejo amoroso por parte da criança, torna-se um objeto de amor proibido por conta da presença do pai, o interditor. No "Três Ensaio", Freud apresenta essa questão pelo medo do menino de ter seu pênis castrado. A criança do sexo masculino se daria conta de que o sexo oposto é aquele que perdeu o pênis. Isso pela fantasia de que alguém o teria arrancado da criança do sexo feminino. Assim, o menino se identifica com essa figura detentora do pênis e assume sua sexualidade masculina, com o medo de que possa lhe ser tirado, também, o pênis (em fantasia). Para as meninas restaria, em Freud, a inveja do pênis, aquilo que os meninos possuem e elas não.

Essa é uma leitura que recebeu, como fora mencionado anteriormente, muitas críticas, por reduzir as questões de gênero à presença/ausência do órgão sexual masculino, atribuindo-se maior importância ao pênis, o falo totêmico do homem – fazendo com que, às mulheres, fosse legada uma posição de inveja daquilo que não possuem. Trata-se de uma leitura que gera polêmicas, sobretudo se empreendida com vistas em aspectos concretos da anatomia humana.

Sobre essa leitura, Lacan possibilita desarticular a questão da castração à presença concreta do pênis, do órgão masculino. Lacan reconhece a presença paterna como sendo da ordem simbólica. O pai é aquele que interfere na relação simbiótica da criança com a mãe ao se inserir entre os dois. Todavia, o pai não é aquele que roubou o pênis; é o representante de uma ordem que estabelece as relações entre sujeitos, ou seja, entre criança, mãe, pai, irmãos, etc. O pai é a figura morta descrita no parricídio de "Totem e Tabu", quando o grupo de irmãos assassina o líder paterno, instaurando a lei como representante do ancestral morto pelos descendentes. Essa metáfora, que Freud apresenta em "Totem e Tabu", mostra a teoria lacianiana sobre o Nome-do-Pai. A lei, a instauração das mediações sociais entre os homens, é justamente o representante do pai, que era o detentor do falo, o símbolo de poder¹⁴.

Com essa leitura, Lacan afasta a noção de que o surgimento do sujeito – incluindo-se suas definições de gênero – estariam atreladas à questão dos órgãos genitais, masculino e feminino. Não haveria uma supremacia do pênis, mas sim a ordem fálica que, em última instância, é simbólica. É a lei, a ordem social estabelecida, que diz quais são e quem deve ocupar os papéis sociais de homem, mulher, criança, pai, mãe, filho, etc. A lei é simbólica. O falo também. As questões de sexualidade e de gênero passam a ser compreendidas como sendo eminentemente sociais e simbólicas, pois se relacionam com essa "presença" paterna que não é concreta e se manifesta como alteridade, como um Outro, estranho ao sujeito que promove as articulações de sentido nas quais o sujeito falante pode falar de si, do outro – das relações interpessoais – e do mundo. A linguagem que o sujeito usa para se manifestar e que lhe é intrínseca, não é uma produção subjetiva, mas é dada por esse Outro. As noções – necessariamente contidas em um sistema simbólico, sociocultural – sobre o que é ser homem ou mulher, masculino ou feminino, hetero ou homossexual, cis ou transexual, seriam atribuídas a esse Outro e não ao sujeito falante, de modo que, ao se assumir em qualquer dessas categorias, o sujeito se inseriria em uma ordem social estabelecida por essa alteridade, o Outro.

3. Conclusão

É certo que, em sua origem, a psicanálise teria se colocado tanto como um método de investigação de processos psíquicos quanto como uma teoria científica que poderia contribuir para as ciências sociais, ao construir um olhar atento para a cultura⁷. Assim, o próprio Freud¹⁰ teria afirmado que "toda psicologia individual é, ao mesmo tempo, também psicologia social" (p. 81). Isso aparece em "Psicologia das Massas" no estudo das multidões e dos Grupos. Freud sempre

atrelou o estudo psicológico ao estudo social, não somente para o entendimento do indivíduo e da sociedade, mas com o propósito de entender o sujeito como constituído em sociedade.

Muitas das críticas à teoria freudiana, no que se refere ao estudo da sexualidade, centralizam-se na concepção de que aquela seria psicologizante, ou seja, reducionista quanto aos aspectos sociais. Há, ainda, leituras que entendem Freud como um autor que generaliza aspectos da identidade de gênero, considerando aspectos concretos e biologicamente determinados, como a questão da diferenciação do gênero a partir do órgão genital e as implicações psicológicas do gênero feminino em relação ao masculino. Em última análise, haveria uma sobrevalorização do homem pela presença do pênis (falo).

Uma leitura mais atenta do “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, tal como foi proposta nesse artigo, possibilita a abertura para uma perspectiva não naturalizante e não reducionista da questão da sexualidade e de gênero em Freud, ao enfatizar o aspecto polimórfico dos estágios iniciais da sexualidade e também a questão da leitura do sujeito pelo vértice simbólico, ou seja, não concreto. O “sexual” no ser humano é significado no campo da linguagem, constituído pelo meio social. Com Lacan, essa leitura fica mais clara ainda com o apoio de sua revisão teórica e clínica da obra freudiana e do conceito do Nome-do-Pai, tão importante para a etnopsicanálise¹⁵.

Portanto, para os estudos culturais – e a etnopsicanálise se configura, justamente, como o estudo psicanalítico da cultura – a retomada da questão de gênero em Freud e na psicanálise como um todo é uma plataforma de estudo que toma por base um aspecto notoriamente social da constituição da subjetividade. O debate atual que se faz sobre as várias categorias identificatórias – incluindo-se as diferentes formas de identidade de gênero e de orientação sexual –, as quais a sociedade vem paulatinamente reconhecendo como “humanas”, exige que se desenvolvam modelos teóricos que possibilitem um entendimento dessas questões a partir dos sujeitos falantes que se assumem em tais categorias.

Para tanto, a psicanálise se faz útil em função deste aspecto, trazido por Freud desde a “Interpretação dos Sonhos”, passando pelo Caso Dora e pelo “Três Ensaios”: a escuta clínica desprovida de pré-concepções determinantes do comportamento, do pensamento e dos atos humanos. Independente de qual sejam as categorias identificatórias, existirão sujeitos humanos que clamam por ser ouvidos. A psicanálise oferece recursos para essa escuta. A etnopsicanálise é a proposta de ouvir esses sujeitos como agentes contextualizados, enraizados em aspectos culturais que sustentam o discurso e a própria estruturação desses sujeitos.

Assim, os estudos sobre gênero se caracterizam como um campo fundamental da psicanálise e, sobretudo, da etnopsicanálise, dado que permitem um entrelaçamento do estudo psicológico individual ao estudo cultural. Não existe sujeito humano destacado do universo simbólico e social. Não existe, portanto, sujeito sexualizado e provido de identidade sexual e de gênero que não esteja inserido em contextos culturais específicos – que dão alicerce ao seu discurso e às suas vivências subjetivas singulares. A etnopsicanálise possui, então, como importantes referências teóricas, tais estudos sobre a sexualidade humana e pode, assim, colaborar para o aprofundamento dessas questões, fazendo uso da escuta psicanalítica em campo, diretamente com os atores sociais.

Os estudos sobre gênero seriam um tema original e atual para a etnopsicanálise. A pesquisa de campo seria a estratégia para dar chance a essa recuperação das contribuições freudianas em uma releitura atual e potencialmente útil para os estudos sobre gênero.

4. Referências Bibliográficas

1. Campos ALF. (Tese). O percurso dos gêneros publicitários: considerações sobre as propagandas da Coca-Cola. Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. 2008.
2. Cunha AG. Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1986.
3. Galvão C, Paula AS. Vetores da doença de chagas no Brasil. Curitiba: Sociedade Brasileira de Zoologia, 2014, pp. 26-32.

4. Lattanzio FF. (Dissertação). O lugar do gênero na psicanálise: da metapsicologia às novas formas de subjetivação. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Belo Horizonte. 2011.
5. Freud S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. vol. 7. In: Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago; 1972.
6. Ceccarelli PR. Psicanálise, sexo e gênero: algumas reflexões. In Diversidades: Dimensões de Gênero e sexualidade Rial, C.; Pedro, J.; Arende, S. (org.) Florianópolis: Ed. Mulheres; 2010. p. 269-285.
7. Barros ML. (Tese) Labareda, teu nome é mulher: análise etnopsicológica do feminino à luz de pombagiras. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, Ribeirão Preto. 2010.
8. Barros ML, Bairrao, JFMH. Performances de gênero na umbanda: a pombagira como interpretação afro-brasileira de "mulher". Rev Inst Estud Bras 2015; 62(1), p. 126-145.
9. Freud S. Totem e tabu. vol. 13. In: Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago; 1972.
10. Freud S. Psicologia de grupo e a análise do ego. vol. 17. In: Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago; 1972.
11. Bairrao JFM, Mantovani A. Pessoa e performance: drama social e sujeito plural. Interações 2004; 9(18): 11-40.
12. Freud S. Fragmento da análise de um caso de histeria. vol. 7. In: Freud, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago; 1972.
13. Mantovani A, Bairrao JFM. Psicanálise e religião: pensando os estudos afro-brasileiros com Ernesto La Porta. Memorandum 2005; 9, 42-56.
14. Lacan J. Função e Campo da fala e da Linguagem. In: Lacan, J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1998.
15. Lioger R. La folie Du Chaman: histoire de l'ethnopsychanalyse. Paris: PUF; 2002.

Artigo Recebido: 15.07.2016

Aprovado para publicação: 16.09.2016

João Eduardo Torrecillas Sartori

Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto.

Endereço: Av. Brigadeiro Faria Lima, 5416 - Vila São Pedro, São José do Rio Preto - SP, 15090-000.

Email: joao.sartori@hotmail.com.br
